



Café Guarany

# CAFÉS TENTAM ACORDAR A BAIXA DO PORTO

Guarany reabre sexta-feira. Há os antigos espaços que noutros tempos serviram de colo aos artistas da cidade.

Desses alguns estão esquecidos. Parados no tempo e cada vez mais ociosos por dentro. Mas há os outros que renascem como o Majestic ou o Guarany, com as mesmas roupas antigas mas com tiques dos tempos modernos. Depois, há ainda espaços que em tudo são novos. São os cafés que insistem em acordar aquela que todos olham como a deserta Baixa do Porto.

*Reportagem de Andrea Cunha Freitas (texto) e Fernando Veludo (fotos)*

O Café Guarany reabre as suas portas à cidade na próxima sexta-feira, depois de dois anos de uma intervenção que os proprietários anunciam como "o regresso às origens". "Tradição e qualidade" são os ingredientes principais desta "devolução" de um espaço histórico ao Porto. "Não pensem que vão ver outro Majestic", avisa Agostinho Barrias, proprietário dos dois estabelecimentos. Mas também desenganam-se os que vão à procura do Guarany dos últimos tempos. O lugar sofreu uma intervenção cirúrgica e tenta impor um novo horário na zona, encerrando à meia-noite num local onde, a partir das 20h00, as luzes se apagam e as ruas ficam desertas.

Faltam alguns dias para a reabertura, mas as mesas já estão postas. Os espelhos estão lá, as mesas e as cadei-

ras foram restauradas e só a maioria dos tampos de mármore — onde agora se poderá pousar a chávena de café (Vista Alegre) com direito a um pequeno chocolate — mudou da forma redonda para o quadrado. "O chão é o original", alerta ainda Agostinho Barrias, de dedo esticado em direcção aos pés. À volta, já circulam os empregados que recuperaram as jaquetas brancas esquecidas nos últimos tempos do Guarany. O tempo voltou atrás no antigo café da Avenida dos Aliados, mas nem tudo será como antes. Tudo começa no principal indicador destes estabelecimentos: O preço do café. "São setenta e cinco centimos", informa Agostinho Barrias, que também possui em seu nome o Café Majestic onde, dito à moda do Porto, o "cimbolino" custa um euro e 25 centimos. E por falar em

custos, as refeições rápidas e económicas deram lugar a um espaço reservado para um restaurante com pratos do dia a 6,5 euros e pedidos à lista que rondam os dez euros.

Uma das diferenças que mais saltam à vista é o desaparecimento do balcão a meio do café, instalado nos anos 80. "É o regresso às origens. Quando o café surgiu, não havia balcão a meio", insiste Agostinho Barrias, que explica o aparecimento do móvel com a tentativa de "salvar" um café em decadência. "Com muita raiva, pus o balcão provisoriamente. Foi uma cirurgia para não deixar o doente Guarany morrer. Servia os clientes mais apressados", justifica. Ainda assim, os últimos dias do café na avenida foram de agonia, com o espaço cada vez mais "gasto" a perder

luz e gente.

Varrido agora o balcão do lugar, ficou tudo o resto e algo mais. A grande parede de espelho está parcialmente coberta por duas enormes e coloridas telas da autoria de Graça Morais e que nos

remetem para os índios da Amazônia que deram o nome ao café. Junto à entrada há ainda uns pequenos painéis que a mesma pintora usou para desenhar os antigos brinquedos de crianças índias.

## Nova luz nas artes do Majestic

A cultura também bateu à porta do histórico Majestic. Apesar de Agostinho Barrias lamentar o facto de o espaço de convívio não ser mais visitado por portugueses e portuenses, o proprietário mostra-se satisfeito com o café transformado num concorrido ponto de interesse turístico no roteiro do Porto. Na remodelação efectuada que fez o velho café brilhar de novo, também se incluiu a colocação de um piano e a imposição da música. Aliás, não será por acaso que aqui se encontra um café com direito a responsável pela " direcção artística". E recuperando a tradição conquistada com a frequência das ilustres gentes de Belas-Artes em meados dos anos 50, a arte também teve direito a um espaço. Aliás, a galeria reabriu na passada semana com nova iluminação e inaugurou uma exposição colectiva de pintura que ficará patente até ao próximo dia 27.

## Novas tecnologias e hábitos antigos

"Já não é novidade dizer que a avenida e a Baixa estão despovoadas. As empresas que antes tinham aqui a sua sede já se foram e os bancos que empregavam oitenta e cem pessoas só têm meia dúzia. Há cafés históricos que respeito, mas que estão na mó de baixo e há muito boteco por aí", constata Agostinho Barrias. Longe vai o ano de 1933, quando, a 29 de Janeiro, nasceu o Guarany. Hoje, o proprietário do recuperado café receita "mais estabelecimentos abertos, comércio" e, a título de exemplo, admite que "gostava de ver o El Corte Inglés na Baixa do Porto".

Agostinho Barrias vai cumprindo a sua parte dentro das paredes que possui (já o tinha feito no histórico Majestic). "Faço-o pelo gosto que tenho por esta actividade. Dá-me muito prazer restaurar e devolver estas traças antigas", justifica, não querendo adiantar o custo da operação que "não precisa dar lucro, basta que não dê prejuízo".

Foi preciso recuperar mais do que cadeiras e mesas e pendurar obras de arte nas paredes. Nesta viagem no tempo, o velho Guarany aderiu às novas tecnologias e recuperou hábitos antigos. Há uma imagem que poderá resumir este encontro de épocas quando entrar no café da Baixa: na parede do fundo, um dos cantos é partilhado por um ecrã gigante e por um piano. São dois objectos de tempos diferentes com o mesmo objectivo de levar a música para o lugar. Tempos diferentes que espelham o projecto de restauro de duas gerações da mesma família. Agostinho Barrias juntou o olhar para o futuro ao romantismo do pai. Assim, a música ao vivo regressa ao café "pelo menos duas ou três vezes por semana". "Nos anos 30 e 40 havia uma orquestra ao vivo e até à década de 60/70 teve músicos", lembra o proprietário do Guarany, que quer também levar tertúlias, poesia e uma noite de tango para animar o espaço. Os primeiros dias vão decorrer ao som do jazz e bossa nova do Quarteto de André Sabib Ensemble que actua até domingo. Há, também, máquinas registadoras informatizadas, no quarto de banho as luzes têm sensores para acender, há o ecrã gigante para passar os concertos (ao vivo e gravados) e vídeos sobre o Porto, e para mais tarde concretizar fica o desejo de Fernando Barrias de querer instalar condições para criar um "hot spot". Os clientes do café, munidos de um computador portátil, vão assim poder ligar-se à Internet.

O Guarany vai funcionar das 8h00 às 00h00 e só em Janeiro de 2004 terá um dia de descanso semanal (ao sábado). Consciente de que o horário é um risco naquele local, o proprietário não prescinde de, pelo menos, experimentar. E sublinha: "Não é um café de elite, é aberto a todo o público que o queira frequentar". A partir de sexta-feira. ■